O amor desmetaforizado

Considerações sobre a clínica e a doutrina psicanalítica do ciúme

Sidi Askofaré

A noção teórica e clínica do ciúme, é preciso dizer, não é daquelas que aparecem com mais freqüência sob a pena dos analistas. E isto, seja para falar de suas formas "normais" ou de suas formas ditas "patológicas". Desde os trabalhos clássicos de Daniel Lagache[1], poucos textos de envergadura foram produzidos sobre esse tema. No entanto, é difícil tratar do amor, escrever seus fenômenos, analisar suas causas, recensear suas formas, seus tipos e até mesmo suas patologias, sem fazer referência ao ciúme. Somente porque o amor, por definição, é ciumento. Quero dizer: exige exclusividade. Paul Léautaud chega a afirmar que, em sua opinião, "o amor sem ciúme não é amor".

[1] D. Lagache, *La jalousie amoureuse. Psychologie descriptive et psychanalyse*, Paris, Presses Universitaires de France, 1947, « Quadrige », 729 p.

Dizer que o amor é ciumento por essência pode parecer uma afirmação trivial, o que ela não é. Nela se transgride todo um lado do pensado e articulado sobre as coisas do amor. Basta lembrar aqui o pensamento de La Rochefoucauld – "Há no ciúme mais amor-próprio do que amor" – ou o que adiantava Marcel Proust: "O ciúme é somente a inquieta necessidade de tirania aplicada às coisas do amor". O ciúme era visto pelo primeiro mais como o sinal, o sintoma do amor-próprio – do narcisismo, então; o outro o notava mais como indicador e tradução de um desejo ou de uma vontade de predomínio.

Se certos escritores já o tinham percebido vagamente, será preciso esperar toda a elaboração psicanalítica para estabelecer que o amor – porque ele é feminino, na qualidade de se amar sempre como ausente – é, por essência, ciumento. Ser indissoluvelmente é a extremidade do que nos ensinou Lacan, "pedido para ser" e "paixão de sê-lo".

Esse pedido para ser, apresentando-se quase sempre como um pedido de exclusividade, pedido de ser o (a) único (a), o (a) eleito (a), passa mais freqüentemente por uma vontade de apropriação do outro. Assim, o ciúme se apresenta – contrariamente ao amor que visa o ser – como uma "paixão de tê-lo". A noção

importante que fica, para a psicanálise, obviamente, é aquela da paixão, termo que evoca tanto o *padecer*, o *passível*, o *patético*, quanto o *pathos*, então o *patológico* e o *psicopatológico*. Das *Paixões da alma*, de Descartes, às « psicoses passionais », de G. G. de Clérambault, passando pela anatomia das paixões sobre as quais se debruça Spinoza em seu *Ética*, nós defendemos, com certa categoria, alguma coisa excedente ao simples sentimento ou ao afeto.

Propomos, no presente artigo, seguir o fio, a orientação que nos sugere essa noção para tentar compreender o que o ciúme e o amor significam um para o outro, e além do que o ciúme amoroso nos ensina sobre o ser falante e a estrutura.

I

Se partirmos de Freud, como é a tradição no campo psicanalítico, precisamos perguntar, desde o início, se o ciúme é um fenômeno que possa ser chamado propriamente de patológico. Aliás, o texto de 1922 de Freud – que constitui a referência doutrinal base sobre a questão -"Sobre alguns mecanismos neuróticos no ciúme, na paranóia e na homossexualidade" - começa com a frase, que tem ares de tese: "O ciúme pertence a estes estados afetivos que podemos qualificar de normais, tanto quanto o luto"[2].

[2] Freud, S., « Sur quelques mécanismes névrotiques dans la jalousie, la paranoïa et l'homosexualité », in *Névrose, psychose et perversion*, Paris, PUF, 1973, p. 271

Atendo-nos a tal tese assim formulada, somos levados a concluir que o ciúme é exterior ao campo da psicopatologia da vida amorosa. Devemos também tomar essa frase pelo que ela é: um elemento do dispositivo retórico e dialético de Freud em sua tentativa de produzir uma doutrina psicanalítica do ciúme.

Os elementos fundamentais da doutrina são claramente articulados nesse texto. Contentemos-nos com o estágio de nos lembrarmos deles para determinar bem e situar o legado doutrinal de Freud a respeito do ciúme.

No ponto de partida de Freud, o ciúme é um afeto normal, ou seja, estruturalmente ligado ao fenômeno amoroso, erótico; em sua opinião, aproxima-se do luto, na qualidade de estado afetivo, correspondente à perda de um objeto de amor, de um ente querido. Mas Freud empurra as coisas para mais longe. Não apenas omite perceber que existe – e toda a clínica analítica o comprova – ao lado dos lutos normais, o que é preciso chamar de lutos patológicos, quanto ele acrescenta: "Quando ele (o ciúme)

parece estar ausente no caráter e na conduta de um homem, estamos no direito de concluir que sucumbiu a um potente recalque e, por isso, representa na vida psíquica inconsciente um papel ainda maior"[3].

[3] *Ibid*, p. 271

Ao lado dessas duas figuras, digamos, inacessíveis à clínica psicanalítica, Freud colocará uma terceira, do domínio da psicopatologia amorosa: "caso de ciúme anormalmente reforçado", acrescentando tratar-se, então, de ciúme patológico ou, no mínimo, sintomático.

A oscilação do texto de Freud situa-se justamente nesse ponto em que "casos de ciúme anormalmente reforçados" são trazidos de volta a um conceito unitário: *o* ciúme.

Doravante, Freud vai se dedicar, então, a examiná-lo.

Nesse ponto, há um tipo de hesitação em Freud, pois apresenta, de início, tal ciúme como estruturado em três camadas ou etapas, levando-nos a pensar que a análise progredirá partindo da camada superior para as inferiores. Mas não é nada disso. Ele nos apresenta como camadas ou etapas, na realidade tipos de ciúme e tipos que não apresentam sempre a mesma estrutura clínica.

Nomeemos agora, com Freud, os três tipos do ciúme em questão: 1) competitivo ou normal; 2) projetado; 3) delirante.

Vemos facilmente como os tipos se organizam e a quais princípios e mecanismos convêm relacioná-los.

Por "ciúme competitivo ou normal", Freud entende o ciúme que qualquer um que tenha amado experimentou, mais ou menos, um dia. É o ciúme banal, digamos, compõe-se "essencialmente do luto, da dor causada pelo objeto de amor que se acredita ter perdido, e da humilhação narcísica, por mais que este se deixe separar dos outros; ele compreende ainda sentimentos hostis contra o rival que foi preferido, e uma contribuição mais ou menos grande de autocrítica que quer responsabilizar a si próprio pela perda do amor"[4].

[4] *Ibid*, p. 271

Tal fenomenologia do ciúme pode parecer muito psicológica. Se ela não o é, no fundo, é por conta das raízes e das causas inconscientes que Freud atribui a este ciúme. Que seja normal, não tem a ver com seu caráter aparentemente racional, motivado no presente e relacionado às circunstâncias reais. Tido como normal por Freud, por ser, a seus olhos, determinado pela estrutura uniformizadora para todo sujeito: o complexo de Édipo.

Mas se trata do complexo de Édipo em sua forma dita completa. Bem percebido e devidamente sublinhado por Freud, esse tipo de ciúme é "vivido bissexualmente por muitas pessoas: no homem, além da dor causada pela mulher amada e o ódio contra o rival masculino, o luto do homem inconscientemente amado e o ódio contra a mulher, como rival, intervém também com um efeito de fortalecimento"[5].

[5] *Ibid*, p. 272

Resumindo, a estrutura do Édipo, ternária em Freud, constituiria a matriz e a determinação principal do ciúme normal: é somente a repetição do ciúme edipiano originário.

A esse "ciúme competitivo", Freud faz suceder um outro tipo: o "ciúme projetado", o qual provém, ainda de acordo com Freud, da própria infidelidade que o sujeito experimenta na vida – digamos: infidelidade efetiva, real ou de impulsões à infidelidade que sucumbiram ao recalque – digamos: infidelidade desejada, imaginária, fantasiada.

Freud coloca essa forma de ciúme no quadro do que poderíamos chamar, parodiando o título de uma de suas obras mais marcantes, uma *psicopatologia da vida amorosa quotidiana*. Mas, na verdade, ele é o efeito das obrigações sociais impostas pela instituição do casamento. De fato, lembra oportunamente o que é sabido por todo mundo, ou seja, "a fidelidade, sobretudo aquela exigida no casamento, só pode ser mantida contra tentações constantes. Aquele que nega essas tentações sente suas pressões com tal força que recorre com prazer a um mecanismo inconsciente para aliviá-lo. Ele atinge tal alívio, até mesmo uma absolvição para com sua consciência, projetando seus próprios impulsos à infidelidade para a outra parte, à qual ele deve fidelidade. Esse poderoso motivo pode, então, se servir de material da percepção, que revela as motivações inconscientes análogas da outra parte, e poderia se justificar pela reflexão de que o parceiro ou a parceira não é verossimelmente melhor do que ele mesmo"[6].

[6] *Ibid*, p. 272

Pode-se pensar, ainda, mesmo que Freud não o indique expressamente, que essa forma de ciúme não tenha o mesmo destino e não carregue as mesmas conseqüências segundo a estrutura clínica à qual o sujeito é submetido. Talvez, em parte, esteja ligado à própria natureza da projeção como tal. Com efeito, para Freud, é um ciúme "quase delirante", porque tende a tomar por real o apenas projetado – sendo então, imaginário – e não dispensar

nenhuma crença às aparências sociais – provocação, galantaria, jogos de sedução – que constituem tantos modos culturais de tratamento e de sublimação das tendências à infidelidade.

Não se pode falar dele exatamente como delirante porque pode ser analisado, tratado e, então, interpretado – pelo analista – e retificado. Freud é categórico: essa forma de ciúme não resiste ao trabalho analítico quando descobre no próprio ciumento as fantasias de infidelidade que o determinam e o alimentam.

Vamos conservar, em relação a tal análise, a indicação técnica preciosa soprada por Freud: "No tratamento de tal ciumento deve-se evitar discutir o material sobre o qual ele se apóia, pode-se somente propor determiná-lo a apreciar esse material diferentemente"[7].

[7] Freud, S., op cit, p. 273

A terceira e última forma, vocês já teriam adivinhado, é a que Freud propôs chamar "ciúme delirante". Provém igualmente de tendências à infidelidade, reprimidas pelo sujeito. Pergunta-se, então: qual sua diferença em relação às formas precedentes?

Seguindo Freud, ele possui uma só característica divergente, ou seja, que "os objetos dessas fantasias são do mesmo sexo que o sujeito". Freud precisa: "O ciúme delirante corresponde a uma homossexualidade em fermentação e pode aspirar a, legitimamente, manter seu lugar entre as formas clássicas de paranóia".

Formulando as coisas assim, sabe-se que Freud simplesmente retoma o já estabelecido em 1911, em seu texto dedicado ao Presidente Schreber, no qual deduz a fórmula fundamental que condensa o delírio do ciúme: "Eu não a amo, é *ela* quem o ama"[8].

[8] Freud, S., op cit, p. 273

||

Chegamos nesse momento ao que se poderia chamar de rendição lacaniana da questão do ciúme.

Relembremos imediatamente, não foi o ciúme, de jeito nenhum, mas a erotomania que constituiu, junto com o caso Aimée (no qual Lacan reconhecerá, por si mesmo, um caso de erotomania e não uma "paranóia de autopunição"), a via de entrada de Lacan na teoria freudiana, depois na psicanálise. Mas, se o ciúme e a erotomania são apenas formas do mesmo tipo clínico fundamental, ou seja, a psicose paranóica, nós possuímos uma indicação

precisa e preciosa para nos orientar no tema que exploramos.

Antes de ir ao cerne da questão, convém fazer um breve desvio para situar o ciúme a partir de suas coordenadas culturais, para aquém ou além de sua abordagem psicopatológica.

Apenas uma referência basta para a circunstância. Trata-se de uma passagem do prefácio redigido por Jacques Le Brun à monumental obra de Bernard Forthomme, *O Ciúme*.

"Atributo do Deus "Ciumento" do Antigo Testamento, o *Deus aemulator* do Êxodo 34, 14 e de Deuteronômio 4, 24, o *aemulatio* e o *zêlon* no qual São Paulo (2 Co 11,2) faz o dever do crente, o "ciúme", que retomará Fénelon em quase todas as páginas da *Explicação das máximas dos santos*, não é nem a "vontade", nem o "ódio", nem o "zelo", nem a "emulação", nem o que nós designamos hoje em dia em português quando falamos de "ciúme".

O vocabulário estende aqui temíveis armadilhas, como se o suporte e o afastamento entre todas as traduções possíveis e inevitáveis, entre todas as línguas, canônicas, hebraica, grega, latina, ou modernas, relatassem somente uma realidade em que o paradoxo, despertar incessante da reflexão e dela ponto de aporia, constituísse a natureza.

Ao lado da tradição bíblica, uma figura inaugural domina, no Ocidente, o pensamento e as representações do ciúme, operando nessa origem "literária" um durável entrelaçamento entre teologia e antropologia: a cena de *Confissões* de Santo Agostinho. Nela se vê um *zelantem parvulum* (*Confissões*, I, VII, 11), que, embora, ainda não falava mas olhava fixamente, pálido e amargo, seu irmão de leite. A cena permite contestar toda suposição de uma inocência infantil e, de Fénelon a Lacan, constitui uma das cenas primitivas da antropologia. Cena inaugural do encontro, da rivalidade, então, entre duas subjetividades: luta pela vida, desejo do assassinato antes mesmo que a palavra possa ser pronunciada, como se as cenas bíblicas de Caim e Abel, de Esaú e Jacó voltassem ao coração de todo *infans*. Mas o "zelo" da criança, o desejo de negar o outro, é também o que suscita o pensamento, incita a imaginação a construir sem parar outras cenas, origem de um teatro e de um romance na qual o ciúme constituirá, até a literatura burguesa do século XX, uma das forças morais essenciais. Pois entre o trágico e o grotesco, entre *Rei Lear* e a comédia de costumes, entre *A Princesa de Clèves*, o romance da Belle Époque, e *Em*

busca do tempo perdido, o ciúme suscitou toda uma literatura e conduziu ao aprofundamento das concepções do amor"[9].

Mas retornemos ao nosso campo e, mais particularmente, a Lacan.

Após a lembrança rápida da abordagem freudiana do ciúme, não parecerá nada espantoso que, a partir de suas investigações sobre as psicoses, Lacan tenha sido conduzido, no que lhe diz respeito, a falar do ciúme. Este parece convir completamente a ele, de fato, para convencer com provas palpáveis aquele que é da certeza delirante.

Em sua aula de 11 de janeiro de 1955, Lacan chama a atenção de seu auditório para a diferença perceptível no fenômeno do ciúme, de acordo com o que se apresenta em um sujeito normal ou em um delirante. Ele sublinha notadamente "o que há de humorístico, até mesmo de cômico no ciúme do tipo normal". Confirmando, aliás, o tratamento dado pelo teatro a esse mote universal. Mas isso em que ele insiste, e que para nós tem seu preço, é que esse tipo de ciúme – o ciúme normal ou neurótico – "se recusa da maneira mais natural do mundo à certeza, quaisquer sejam as realidades que se mostrem. É a famosa história do ciumento que persegue sua mulher até a porta do quarto onde ela está fechada com um outro". E Lacan conclui: "Ele contrasta suficientemente bem com o fato de que o delirante, ele, se isenta de toda referência real".

Da comparação, Lacan tira um ensinamento: "quando transferimos mecanismos normais, como a projeção, para explicar o ciúme delirante, isso deveria nos inspirar alguma desconfiança"[10].

Devemos reter aqui, sem dúvida, a heterogeneidade radical entre as duas formas de ciúme. Se o ciúme normal ou neurótico está fundado na "projeção", trata-se de uma projeção com fundo de recalque. De fato, trata-se de uma suspeita que procura uma referência real mas, paradoxalmente, sempre com a esperança, mesmo ínfima, de que ela não seja revelada. Ou seja, a suspeita está ligada a um desejo de "salvar" o outro do amor, a uma dúvida que não quer, sobretudo, esperar a certeza, a esse "eu não quero saber de nada", marca própria da posição do neurótico, chamada recalque.

Em oposição, o ciúme delirante é totalmente outra coisa.

[9] Le Brun, J., « Préface » à Bernard Forthomme, *La Jalousie*, Bruxelles, Editions Lessius, 2005, pp. 7-8

[10] Lacan, J., Le Séminaire, Livre III, *Les psychoses*, Paris, Editions du Seuil, 1981, p. 58

Lacan, lembremos, começou desejando o abandono puro e simples da noção de projeção[11]; mas, mesmo conservando-a, ele faz dela outra coisa na psicose. Ao contrário da projeção neurótica, Lacan definirá a projeção psicótica como "o mecanismo que faz vir de fora o que é tomado na *Verwefung*, ou seja, o que foi colocado de fora da simbolização primordial que estrutura do sujeito"[12].

Temos aqui colocados os elementos do que poderíamos chamar uma clínica estrutural do ciúme, até mesmo estruturalista, aquela que é apêndice da doutrina da heterogeneidade da neurose e da psicose e fundada nos binários recalque/prescrição, P/P0. Mas sabe-se, por outro lado, que Lacan não ficará nisso: ele envolverá binarismo e descontinuidade; pluralizará o Nome-do-Pai; reconsiderará sua doutrina da psicose ao ponto de falar em "delírio generalizado". Desde então, não podemos deixar de perguntar sobre as incidências de todos esses retoques sobre o ciúme em geral, e sobre o ciúme em suas relações com a psicose em particular.

[11] «Quanto a este termo projeção, seria melhor abandoná-lo. Aquilo de que se trata não tem nada a ver com essa projeção psicológica que faz, por exemplo, com que, daqueles para com os quais temos apenas sentimentos muito misturados, acolhamos sempre tudo o que eles fazem com pelo menos alguma perplexidade quanto às suas intenções.

[12] Lacan, J., Le Séminaire, Livre III, *Les psychoses*, op. cit., p58.

|||

Consideremos, no presente momento, o problema do ciúme partindo da clínica. Apoiaremo-nos em um caso do qual tomamos conhecimento recentemente em um trabalho cuja resenha me foi confiada para uma revista de psicanálise francesa, *L'en-je lacanien*. Trata-se da obra de Charles Melman na qual retoma dois anos de seu Seminário na Associação Lacaniana Internacional dedicado às "paranóias". Neste trabalho intitulado *As paranóias*[13], então, Ch. Melman relata um caso extremamente interessante sobre a questão do ciúme na psicose.

[13] Melman, Ch., *Les paranoïas*, Séminaires 1999-2001, Paris, Editions de l'Association Lacanienne Internationale, 2003, 373p

Trata-se de um caixeiro viajante que volta para casa após uma semana de provação, que se tornou difícil notadamente pelo fato de que perdeu – ou havia sido roubado – um dossiê encomendado por sua empresa e, no qual, ele havia investido três meses de trabalho. Esse dossiê, então, ou se extraviou ou foi roubado. Em todo caso, ele está perdido. De volta a seu domicílio, sua mulher ausente – é um horário em que ela está no trabalho -, ele se põe a procurar no apartamento as provas da infidelidade de sua esposa. Ele mexe nas coisas dela, revira as gavetas, passa um

Forum do Campo Lacaniano de São Paulo FCL - SP

pente fino no menor de seus pedaços de papel. Sua busca, destaca Charles Melman, não é absurda nem sem motivo na medida em que, uma vez que eles viviam juntos em concubinato antes de se casarem, sua mulher havia tido um caso com um homem conhecido por ele. Relata, no decorrer das sessões, haver sofrido bastante com o caso de sua companheira naquela ocasião, manifestara uma conduta típica de ciumento. Logo, sua busca não era infundada, e isso fica mais claro quando ele coloca a mão na agenda de sua esposa e descobre o quê? Que ela havia almoçado, na véspera, com o senhor que havia sido seu amante.

Charles Melman relata, por outro lado, que o problema da infância desse paciente, infância desenrolada em um país estrangeiro, é que seu pai sempre duvidou de sua paternidade em relação a esse filho. O pai viveu toda sua vida com a suspeição de que sua mulher o havia tido com um outro homem. Em outras palavras, seu pai vivera com essa espécie de certeza de que, entre sua mulher e ele, havia esse terceiro intruso, e que o filho legal de seu casamento era desse terceiro e não seu.

Impressiona nessa vinheta clínica o fato de termos, efetivamente, de nos acostumar a algo que parece ao mesmo tempo normal, ou em todo caso racional, e uma conduta tipicamente paranóica. Ao menos dois traços o comprovam. O primeiro é quanto ao manuseio particular da relação de causalidade, pois um vínculo de causalidade evidente se estabeleceu, para ele, entre a perda do documento que o obceca e a infidelidade de sua esposa. Com efeito, o ciúme não é senão a idéia de que um outro nos furta o objeto que encarna para nós o desejável, a instância fálica?

O segundo traço aparece se compararmos o paciente de Charles Melman com a figura clássica do *beberrão* que, ao voltar para casa após sua bebedeira, põe-se a bater em sua mulher. Expressa ou não, a razão da sua violência está ligada ao que ele lhe imputa, ou seja, ser a causa de uma perda, de uma deterioração, de um déficit de gozo do qual ele é a vítima.

Nos dois casos, a perda de gozo é atribuída à presença intrusa de um terceiro. Em ambos, a mulher é suspeita de se oferecer a um outro. Pois, então, esse trio infernal não constitui o próprio núcleo de toda paranóia? Ao menos fenomenologicamente, pode-se afirmar que o sujeito paranóico – e não somente o ciumento, então –, estima sempre que entre o objeto e ele existe

– e para ele não se trata de uma hipótese, mas de uma certeza – a presença de um terceiro que lhe furta o pleno gozo, tirando lhe a propriedade inteira, a exclusividade total.

Parece-nos o suficiente para demonstrar que a estrutura ternária do ciúme transgride fortemente a idéia propagada pela "vulgata analítica", segundo a qual o três é equivalente ao simbólico, em conseqüência do que, a partir do momento da triangulação, o dispositivo assim constituído deveria ser normalizante e apaziguador.

Pois bem, é exatamente contra tal idéia que se edifica a primeira crítica lacaniana da apresentação freudiana do Édipo. Por isso, a tese de Lacan: a estrutura necessária à normalização não é ternária, mas quaternária. É a razão e o fundamento do esquema L de Lacan. Por issotambém, com o modelo borromeano do fim de seu ensino, a exposição de que a estrutura ternária, aquela do nó de trevo, numera a paranóia, "doença da indistinção", erro da instância nomeante, da instância que assegura a nominação e, então, a distinção dos círculos, das diferentes consistências nas quais se apóia a estrutura do ser falante, do sujeito real. Por isso, enfim, a necessidade de um quarto termo, de um quarto círculo (Nome-do-Pai ou sinthoma) para assegurar a nominação e o entrelaçamento dos três círculos do Real (gozo), do Simbólico (linguagem) e do Imaginário (corpo).

***

Antes de concluir, convém retirar um possível mal entendido, aquele de uma redução total e unívoca do ciúme à paranóia, portanto, à psicose.

Tal tese é não apenas hiperbólica, mas francamente errônea. Entretanto, não podemos ignorar que, para ter um apanhado dos mecanismos inconscientes em obra no ciúme, a psicanálise, e Freud, o primeiro, teve que passar pela paranóia. Isso deixa traços duráveis, às vezes, na doutrina e na abordagem da questão. Afirmado isto, para determinar o espaço e aprofundar a clínica do ciúme, convém colocar, articular e amarrar um certo número de proposições, de teses que podem, no momento, parecer contraditórias ou até mesmo antagonistas:

1) Primeiramente, há o ciúme normal e o ciúme patológico,

mesmo se devemos recusar um binarismo simplista e conceber mais gradações – todo ciúme patológico não é necessariamente delirante e podemos encontrar um ciúme não delirante em um quadro de psicose – do que transformações, passagens de uma "camada" a uma outra.

2) É importante apontar também que existem sujeitos cujos sentimentos de ciúme lhes são bastante, para não dizer totalmente, estranhos. Penso em tal analisando que recebemos há mais de uma década e cuja vida amorosa é totalmente isenta de toda forma ou traço de ciúme.

3) Existem tipos de ciúme totalmente particulares, intrigantes e paradoxais : por exemplo, há homens cujo ciúme não está ligado a seu "objeto próprio" – ou seja, ao ser ao qual eles estão ligados por um pacto simbólico e pelo dever de fidelidade que ele implica – mas à sua amante que, aliás, pode ser a mulher de um outro; encontramos também, da parte das mulheres, certos motivos de ciúme cuja fortuna, por assim dizer, está fixada no passado amoroso de seu parceiro, só têm ciúme, então, das mulheres que o conheceram antes dela.

4) Existe, enfim, uma ligação entre ciúme e "sexuação", que resta a explorar. De fato, mesmo se todo ciúme é de essência narcísica – essa é sem dúvida a razão pela qual Freud colocou em série, em seu texto de 1922, o ciúme, a paranóia e a homossexualidade –, o fenômeno do ciúme não se apresenta da mesma maneira nos homens e nas mulheres. Melhor, Lacan falará das mulheres como naturalmente ciumentas.

É essa tese, no mínimo enigmática, que será conveniente explicitar de início, antes de dividí-la, para compreender a ligação estrutural entre amor e ciúme.

Tradução: Natália Costa Queiroz

resumo

O campo do amor e do desejo foi explorado em psicanálise a partir do amor pelo pai – armadura da histeria e do amor de transferência. Freud, no entanto, tentou explorar além e Lacan propôs definir a psicose como um tipo de falência em relação ao cumprimento do que é chamado de "amor". O presente artigo propõe examinar o que é o ciúme como sintoma, e o que, através dele, é passível de ser esclarecido da função do amor na estrutura do ser falante.

palavras-chave

Ciúme, Édipo, projeção, delírio, sintoma, psicose

abstract

The field of love and desire was explored by psychoanalysis, from the love for the father – armour of hysteria and of the transference love. Freud however has tried to explore beyond and Lacan has proposed to define the psychosis as a sort of failure in relation to the fulfilment of what is called "love". This article proposes to assay what is jealousy as a symptom and what through it, is liable to be clarified about the function of love in the talker being structure

key words

Jealousy, Oedipus, projection, delirium symptom psychosis

recebido

11/02/2007

aprovado

10/03/2007